

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

14 a 21 de outubro 2022 | www.abbc.org.br

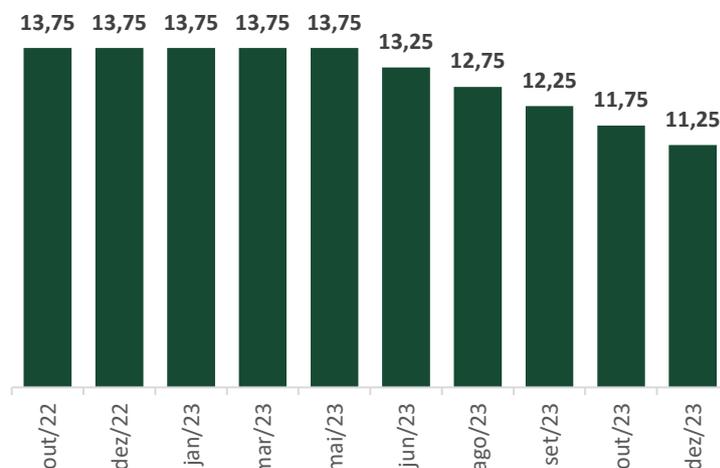


Selic estável em 13,75% a.a.

A mediana das expectativas do Focus para o IPCA de 2023 oscilou de 4,97% para 4,94% e para 2024 subiu de 3,43% para 3,50%, ambas as estimativas em patamares superiores às metas. Após 2 meses com deflação, o IPCA-15 de outubro que será divulgado nesta semana deve voltar a um patamar ligeiramente positivo. Com a estabilidade no balanço de riscos, o Copom deverá manter a taxa Selic em 13,75% a.a., porém há alguma ansiedade acerca do conteúdo das informações que serão disponibilizadas no comunicado que ajudariam a entender a evolução da política monetária. No 3T22, o PIB da China divulgado nesta 2ª feira mostrou expansão anual de 3,9%, com aceleração em relação ao avanço de 0,4% no 2T22, contudo apesar da recuperação, a economia ainda lida com os efeitos das medidas de combate à covid-19, impondo riscos à economia internacional. Porém, na semana que se passou, houve uma melhora no apetite ao risco, a despeito das pressões inflacionárias, dos apertos monetários e dos temores de recessão global. Consequentemente, o dólar perdeu força e o rendimento das *T-Notes* de 10 anos subiu 0,21 p.p. para 4,21% a.a.. O real se apreciou em 3,1% no período, com o dólar cotado a US\$ 5,16, beneficiado pela alta nos preços das *commodities*, e o risco soberano brasileiro recuou -23,5 bps. para 289,0 bps.. Em 12 meses, o déficit acumulado em transações correntes totalizou em setembro US\$ -46,2 bilhões (2,56% do PIB), frente aos US\$ -42,4 bilhões (2,38% do PIB) em agosto e os US\$ -23,4 bilhões em set/21 (1,49% do PIB). O cenário reflete a redução no superávit da balança comercial, motivada pelo aquecimento da atividade com crescimento mais intenso das importações em relação às exportações, além das contribuições dos déficits na balança de serviços com a retomada das viagens internacionais e a maior remessa de lucros e dividendos. Segundo levantamento da CNDL/SPC, a inadimplência atingiu o seu recorde histórico, representando 39,71% da população adulta. No que tange aos setores, a participação no total das dívidas era de: 61,18% dos bancos, 12,86% do comércio, de 10,51% dos serviços de água e luz e de 8,42% na comunicação. Para semana que se adentra as atenções ficam também para os prováveis bons números do mercado de trabalho na PNAD e no Caged, as Sondagens de Confiança da FGV, as divulgações do PCE e do PIB nos EUA e as decisões de política monetária do BCE.

Expectativas

Taxa de Juros Selic (%)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Reduzindo-se em -0,02 p.p., o IPCA esperado no Boletim Focus para 2022 era de 5,60%, alinhando-se às projeções da amostra de instituições que fizeram alterações nos últimos 5 dias úteis. Para 2023, a mediana das expectativas para o IPCA oscilou de 4,97% para 4,94% e para 2024 subiu de 3,43% para 3,50%, com ambas as estimativas em patamares superiores às metas. No curto prazo, as projeções para out/22 passaram de 0,33% para 0,37%, as de nov/22 de 0,45% para 0,41% e as para dez/22 de 0,70% para 0,68%. A despeito de alguns sinais de desaceleração da economia no 2º semestre, as perspectivas para o crescimento do PIB em 2022 cresceram de 2,71% para 2,76%. Com aceleração de 0,04 p.p., a pesquisa sinalizou que a atividade cresceria 0,63% em 2023. Para 2024, a estimativa saiu de 1,70% para 1,80%. As expectativas para a meta Selic permaneceram em 13,75% a.a. ao final de 2022. Com 5 reduções de -0,50 p.p. a partir de jun/23, fecharia 2023 em 11,25% a.a.. O ciclo de flexibilização se estenderia ao longo de 2024, encerrando o ano em 8,00% a.a.. A mediana das previsões para a taxa de câmbio manteve-se em R\$ 5,20/US\$ aos termos de 2022 e 2023, oscilando de R\$ 5,10/US\$ para R\$/US\$ 5,11 ao final de 2024. Sem alterações, a projeção do resultado primário manteve-se em 1,00% do PIB em 2022, -0,50% do PIB para 2023 e 0,00% do PIB para 2024. Enquanto, para o resultado nominal reduziu de -6,40% para -6,30% do PIB para esse ano, seguindo em -7,70% do PIB para 2023 e variando de -6,05% para -6,00% do PIB em 2024.

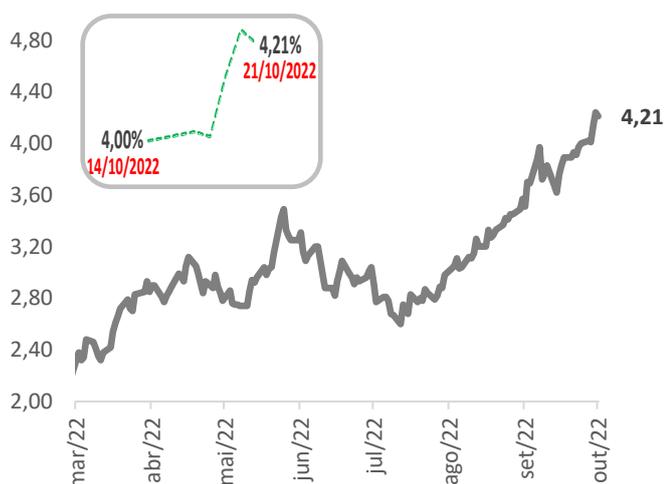
Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais

Bolsas	21/10/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	119.929	7,0%	6,6%	11,3%
Nasdaq	10.860	5,2%	-4,9%	-28,6%
S&P	3.753	4,7%	-2,7%	-17,5%
Dow Jones	31.083	4,9%	1,2%	-12,7%
Nikkei 225	26.891	-0,7%	-2,9%	-6,3%
Xangai	3.039	-1,1%	-2,7%	-15,5%

As principais bolsas do mundo encerraram a semana com ganhos, com exceção as asiáticas que apresentaram perdas. Destaques para as altas de 5,2% na Nasdaq, 4,9% da Dow Jones, 4,7% no S&P 500 e de 7,0% no Ibovespa. O movimento acompanhou a melhora no apetite ao risco provocada pelos números mais otimistas da temporada de balanços corporativos, a despeito das pressões inflacionárias, dos ciclos de apertos monetários mais agressivos e os temores de recessão global. No Ibovespa, favoreceu também a recuperação nos preços das *commodities*, especialmente as energéticas. Assim, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou - 23,5 pbs. na semana para 289,0 pbs..

T-Note - (% a.a.)



Na semana, as divulgações dos índices de preços ao consumidor (CPI) de setembro para o Reino Unido, Japão e a revisão do indicador para a Zona do Euro ratificaram o balanço de riscos desfavorável para inflação, pressionando as políticas monetárias. Nesse sentido, o rendimento das *T-Notes* de 10 anos subiu 0,21 p.p. na semana, encerrando em 4,21% a.a., após alcançar 4,24% a.a. na quinta (20/10).

Mesmo com o crescente temor de uma recessão global no horizonte próximo e com o anúncio dos EUA de liberar 15 milhões de barris de petróleo de suas reservas como contraponto ao corte de 2 milhões de barris por dia na produção dos países da Opep+, a cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 2,0% na semana para US\$ 93,50.

Petróleo

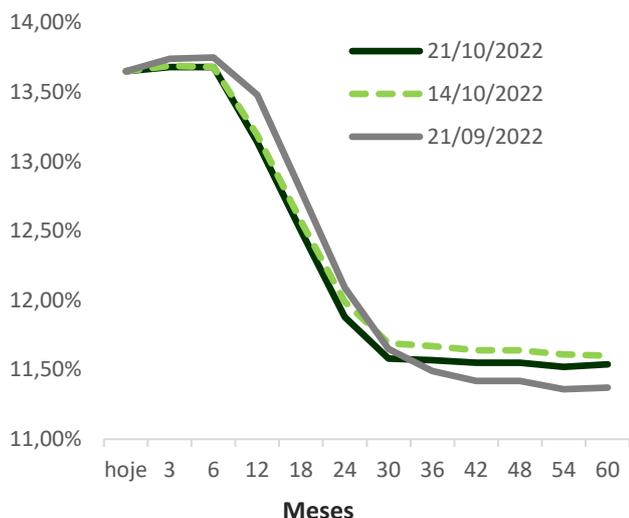
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



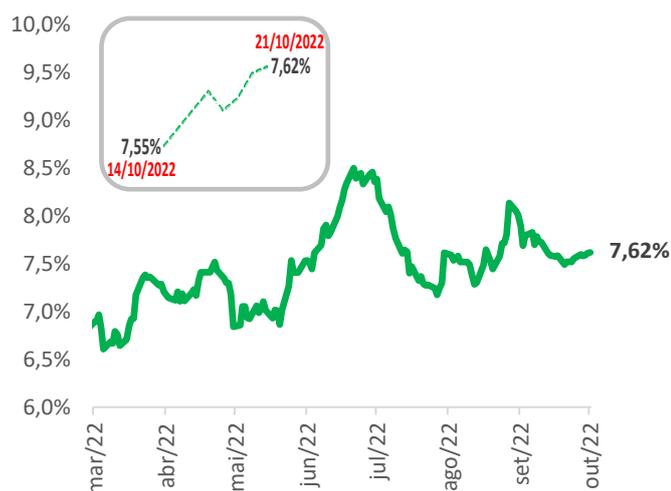
Descolando do exterior, a estrutura a termo da taxa de juros encerrou a semana com quedas nos prêmios em todos os vértices. Os indicadores antecedentes da atividade em setembro apontam para uma desaceleração no ritmo de crescimento no 3T22, sugerindo que os efeitos da política monetária restritiva começam a despontar. Assim, observaram-se quedas de -0,05 p.p. no vértice de 1 ano, de -0,11 p.p. no de 2 anos, de -0,10 p.p. no de 3 anos, de -0,09 p.p. no de 4 anos e de -0,06 p.p. no de 5 anos.

Com a retração de -0,05 p.p. na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias e a inflação esperada para os próximos 12 meses em -0,11 p.p. na semana, a taxa de juros real *ex-ante* encerrou com alta de 0,06 p.p. no período, totalizando 7,62% a.a., permanecendo em patamar consideravelmente contracionista se levada em conta a taxa neutra de 4,0% a.a..

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas pré de 10 anos e 1 ano, negociadas na B3, fechou a semana com ligeira queda de -0,01 p.p. para -1,37 p.p., após elevada volatilidade durante a semana. De forma similar, o diferencial entre as taxas pré dos títulos públicos divulgados pela Anbima fechou em -1,02 p.p., o mesmo patamar do fechamento da semana anterior.

Taxa Real de Juros (a.a.)

Ex-ante



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

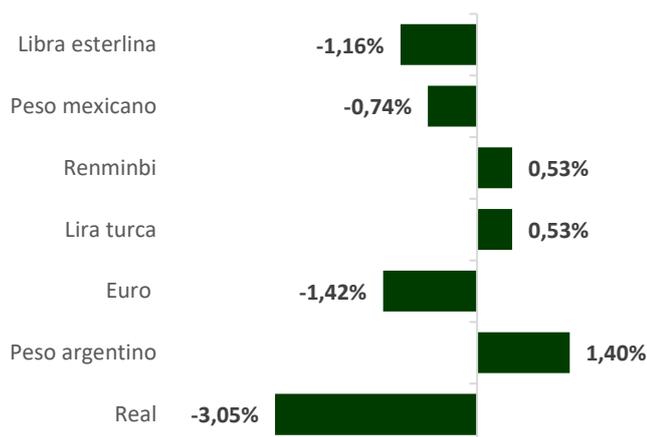
Câmbio

Real/US\$



Além do aumento no rendimento das *T-Notes* durante a semana, o dólar perdeu força frente às principais moedas, movimento em consonância com a melhora na aversão ao risco e valorização das *commodities*. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente à dos países desenvolvidos, recuou -1,15% na semana, impactado pela apreciação de 1,42% no euro e sobretudo pela apreciação de 1,16% na libra esterlina, após semana extremamente conturbada com elevada volatilidade no mercado de títulos que culminou com a demissão do ministro de finanças do Reino Unido e a renúncia da primeira-ministra, Liz Truss.

Varição na Semana



O índice que calcula a variação das moedas dos países emergentes em relação ao dólar subiu 0,88% no período, alavancado pelo desempenho das moedas de países exportadores de *commodities*. Nesse sentido, destacam-se as apreciações de 3,05% no real e de 0,74% no peso mexicano. Do outro lado, ressaltam-se as depreciações de 1,40% no peso argentino e de 0,53% na lira turca. Com relação a esta última, vale destacar a decisão do Banco Central turco em cortar a taxa básica de juros em 1,0 p.p. para 13,0% a.a., mesmo em meio à inflação anual de 79,6% em julho.

Por fim, o real fechou a semana apreciado, com o dólar cotado a R\$ 5,16, beneficiado pela valorização das *commodities*. No período, o Banco Central atuou com a venda conjugada de compra de moeda estrangeira no mercado interbancário de câmbio, na modalidade pós-fixado Selic no total de US\$ 4,0 bilhões, além da rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/11/22.

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Atividade Global - Out/22

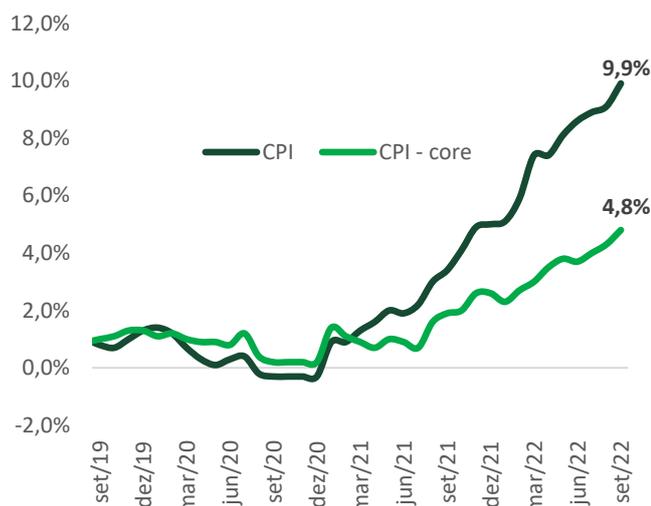
EUA – Produção Industrial

Varição mensal



Em meio à inflação ainda persistentemente elevada, o Livro Bege do Federal Reserve indicou que a economia cresceu modestamente desde o relatório anterior, reforçando as perspectivas de desaceleração da atividade nos EUA. Dentre os distritos, 4 mencionaram atividades estáveis e 2 outros citaram recuos, com o enfraquecimento da demanda por conta dos juros mais altos, da inflação elevada e dos problemas na oferta. Na indústria, observou-se uma tendência de evolução expansionista em algumas regiões, em parte devido à redução das interrupções na cadeia de suprimentos, mas com relatos de declínios na produção. O consumo no varejo continuou relativamente estável refletindo gastos discricionários mais baixos, enquanto o setor de serviços cresceu fortemente impulsionado pelas atividades de viagens e turismo. A demanda por serviços não financeiros também aumentou consideravelmente.

Zona do Euro – Inflação ao consumidor (% a.a.)



As preocupações com o cenário inflacionário mantiveram-se como tema relevante na maioria dos distritos, no qual foi relatado aumentos significativos em insumos industriais, embora com menor pressão. As condições gerais do mercado de trabalho mantiveram-se apertadas, com pressões subjacentes dos salários. Ainda nos EUA, a produção industrial surpreendeu positivamente ao crescer 0,4% em setembro frente ao mês anterior, enquanto se previa uma alta de 0,1%. As construções de moradias iniciadas em setembro recuaram -8,1% na comparação com ago/22, montante mais do que os -6,7% previsto.

Zona do Euro – Confiança do Consumidor (pts.)



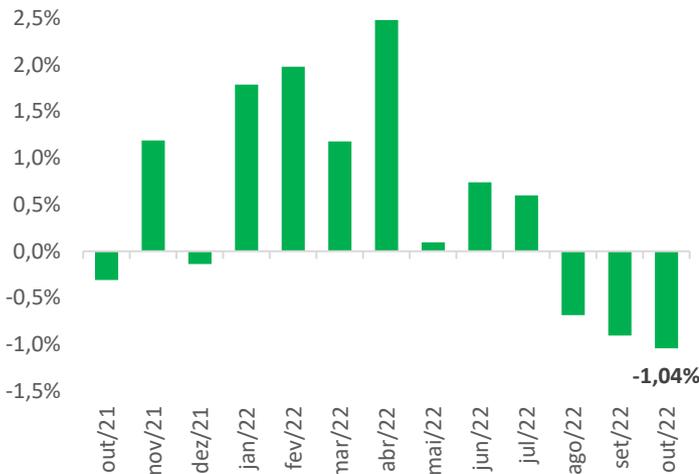
No 3T22, o PIB chinês teve expansão anual de 3,9%, com aceleração em relação ao avanço de 0,4% no 2T22 e variação superior a expectativa de 3,5%. Apesar da melhora, a economia ainda lida com os efeitos das medidas de combate à covid-19. A produção industrial também superou as projeções de avanço de 5,0%, crescendo 6,3% em setembro ante set/21, acelerando após alta de 4,2% em agosto. Contrariando a expectativa de mercado de aumento de 2,7%, as vendas no varejo avançaram 2,5% no confronto com set/21, após aumento de 5,4% em agosto.

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) continuou em elevação e atingiu 9,9% a.a. em setembro, ante taxas de 9,1% a.a. em ago/22 e 8,9% a.a. em jul/22. O núcleo também acelerou, de 4,3% a.a. em ago para 4,8% em setembro. Enquanto no Reino Unido o CPI subiu de 9,9% a.a. em ago/22 para 10,1% a.a.. Em leitura preliminar, o índice de confiança do consumidor da Zona do Euro recuperou-se levemente da mínimo histórica de -28,8 pts. em set/22 para -27,6 pts. em outubro.

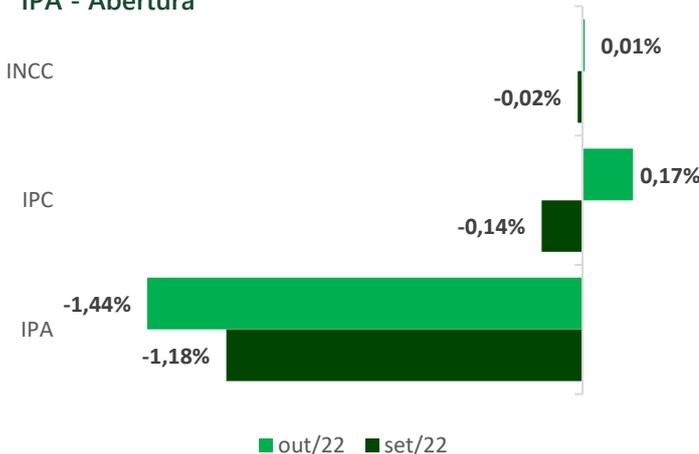
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

IGP-10 - Out/22

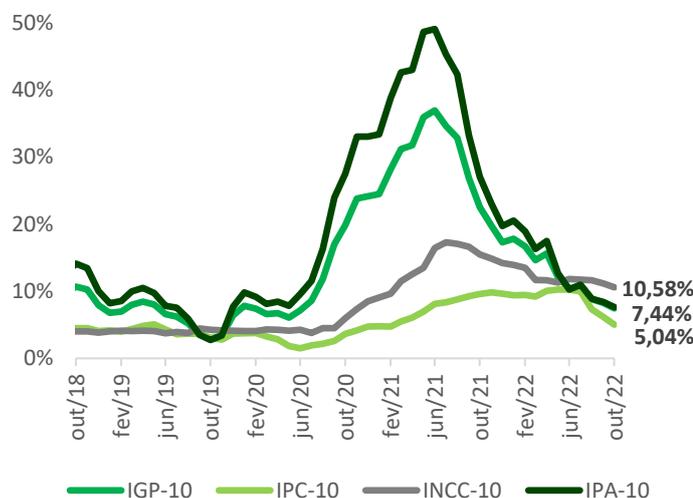
Variação Mensal



Variação Mensal IPA - Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Pelo 3º mês consecutivo, o Índice Geral de Preços-10 (IGP-10) registrou deflação. Em outubro, a queda foi de -1,04%, mais acentuada do que a de -0,90% observada em set/22 e a de -0,69% de ago/22. O movimento foi influenciado fundamentalmente pela retração nos preços dos combustíveis e do leite longa vida. Ainda assim, o índice acumulou alta de 6,33% no ano e de 7,44% em 12 meses.

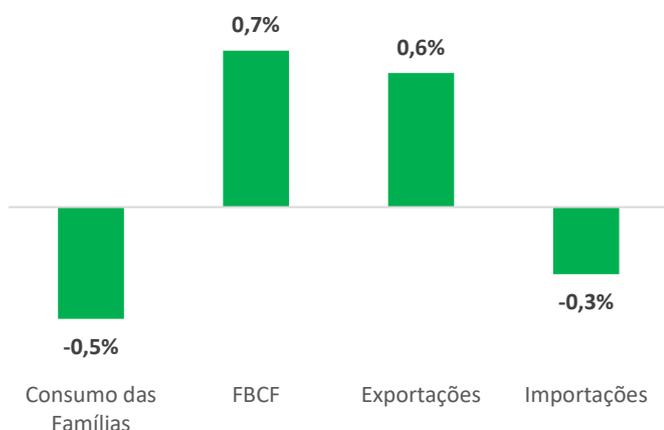
Favorecido pela descompressão nos custos dos bens industriais (-1,49%) e dos produtos agrícolas (-1,33%), o Índice de Preços ao Produtor (IPA) acentuou sua queda de -1,18% para -1,44%. Na decomposição por estágios de processamento, por causa dos alimentos in natura (1,16% para 6,16%) os bens finais arrefeceram seu ritmo de queda de -0,53% para -0,30%. Em sentido oposto, os bens intermediários intensificaram a deflação, de -1,72% para -2,14%, devido, em maior medida, ao subgrupo de materiais e componentes para a manufatura (-0,36% para -1,70%). Em linha, as matérias-primas brutas fortaleceram sua baixa de -1,17% para -1,69%, reflexo dos preços de leite in natura (-0,18% para -7,21%), algodão em caroço (4,32% para -7,32%) e café em grão (0,89% para -2,33%). Com isso, o IPA acumula alta de 6,81% no ano e 7,66% em 12 meses.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) variou 0,17% em outubro ante queda de -0,14% no mês anterior, com acréscimo em 5 das 8 classes de despesas componentes. Com a menor queda nos preços da gasolina (-9,66% para -7,09%), o grupo Transportes desacelerou sua deflação mensal, de -2,97% para -2,17% em outubro. A dinâmica na tarifa de eletricidade residencial (-1,54% para -0,24%) provocou um aumento nos custos com Habitação (0,08% para 0,64%), indicando que os maiores impactos das desonerações já passaram, tendendo a se neutralizar nas próximas edições. Em contrapartida, os custos com Educação, leitura e recreação arrefeceram de 4,00% para 3,36%, favorecido pelas passagens aéreas (25,14% para 17,70%), enquanto os custos com Saúde e cuidados pessoais passaram de 0,83% para 0,69% favorecido pelos itens de artigos de higiene e cuidado pessoal (1,65% para 0,88%). Dessa forma, o IPC teve alta de 3,11% no ano e 5,04% em 12 meses.

Finalizando, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) oscilou de 0,02% para 0,01%, com o recuo em serviços (0,44% para 0,27%), a estabilidade na deflação de -0,32% em materiais e equipamentos (-0,32%) e o avanço nos custos com mão de obra (0,17% para 0,25%). Assim, o INCC variou 8,96% no ano e 10,58% em 12 meses.

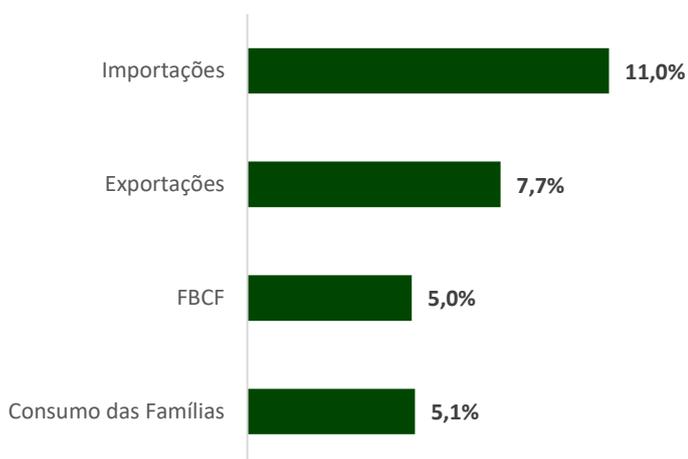
Monitor do PIB - Ago/22

Variação Mensal - Por componente da demanda Série com ajuste sazonal



O monitor do PIB da FGV indicou uma retração de -0,8% em agosto frente a jul/22, de modo que as atividades da indústria e serviços, sobretudo nos prestados às famílias, começaram a sofrer os efeitos da redução da demanda reprimida durante a pandemia e dos elevados níveis das taxas de juros. Na comparação interanual foi registrado um crescimento de 3,7% ante ago/21 e de 3,3% no trimestre móvel findo em agosto em relação ao mesmo trimestre de 2021.

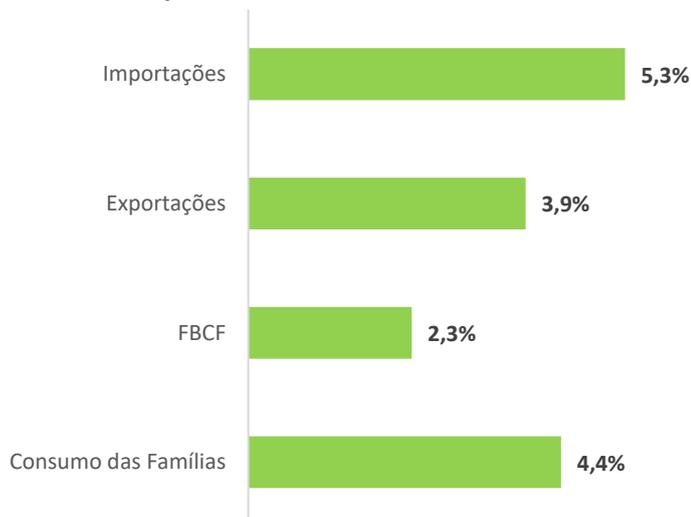
Variação Interanual - Por componente da demanda Contra mesmo mês do ano anterior



A análise desagregada dos componentes da demanda mostra que o consumo das famílias, propulsor da atividade no 1S22, recuou -0,5% na margem, mas ainda avança 5,1% ante ago/21 e 4,4% na variação interanual trimestral. Ao longo do ano, o consumo tem sido puxado principalmente pelos serviços prestados às famílias, bem como o consumo dos produtos não duráveis, em especial os combustíveis e lubrificantes. Em sentido oposto, os bens duráveis e semiduráveis contribuem negativamente.

Por sua vez, a formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) avançou 0,7% no mês, apresentando alta de 5,0% na variação interanual e 2,3% na variação interanual trimestral. Nesta base comparativa, todos os segmentos contribuíram positivamente. Vale mencionar que o aumento das importações de máquinas e equipamentos levaram a 1ª alta trimestral depois de 8 quedas consecutivas.

Variação Trimestral - Por componente da demanda Série com ajuste sazonal

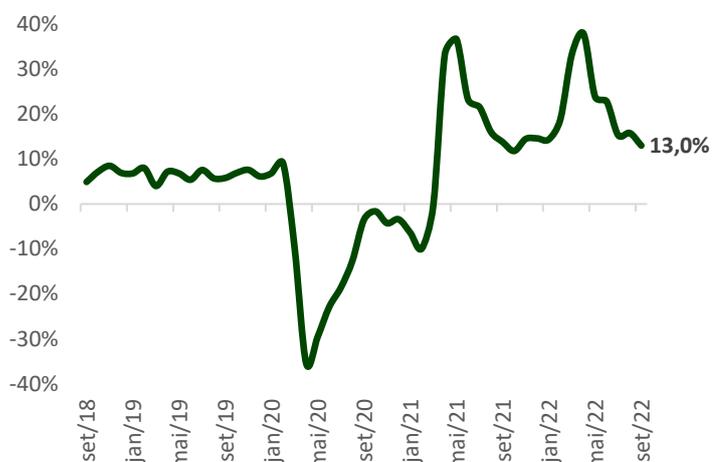


Finalizando, a exportação de bens e serviços cresceu 0,6% em agosto em relação a jul/22, 7,7% na variação interanual e 3,9% na variação trimestral, beneficiado principalmente pelos segmentos de serviços e bens intermediários. Enquanto as importações recuaram -0,3% na passagem de jul/22 para agosto, com altas de 11,0% na variação interanual e 5,3% no trimestre móvel, alavancado pelas importações de serviços e bens de capital.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

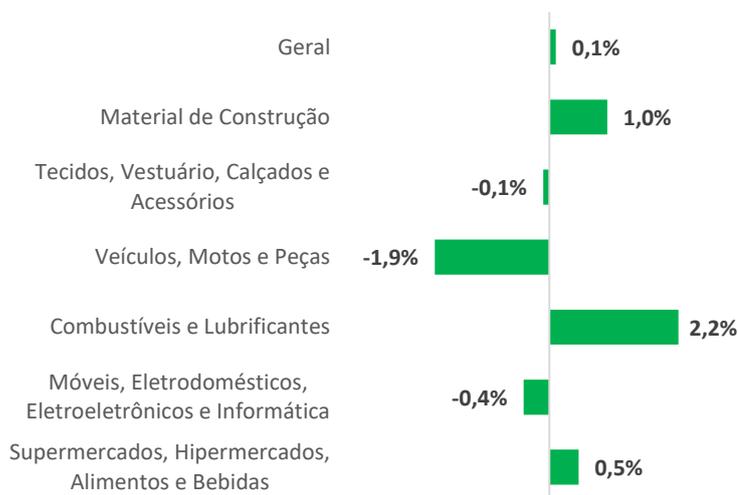
Indicadores do Varejo - Set/22

ICVA: Variação Anual Nominal



Em linha com os demais indicadores de atividade, o Índice Cielo do Varejo Ampliado (ICVA), que acompanha a evolução das vendas realizadas em 18 setores, desacelerou em setembro, passando de uma alta real interanual de 2,8% em ago/22 para 0,3%. Excluindo-se os efeitos de calendário, que ajudaram no resultado, houve recuo de -0,2% nas vendas em set/22, na comparação deflacionada. A receita nominal de vendas observada pelo setor varejista apresentou alta de 13% a.a. (12,5% a.a. com o ajuste do calendário).

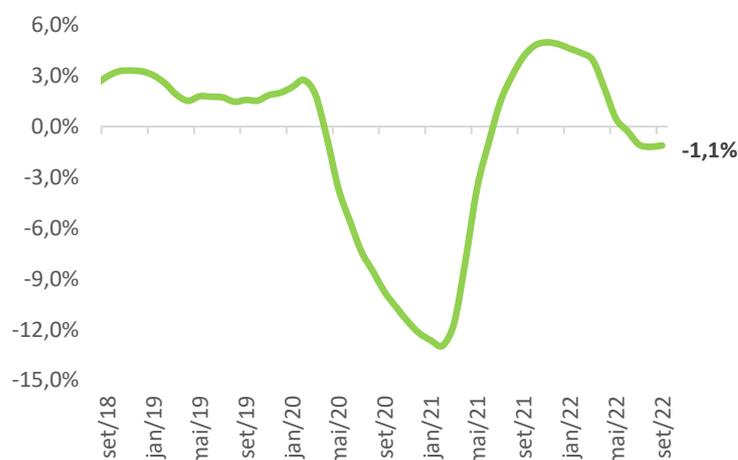
Atividade do Comércio: Variação Mensal Com ajuste sazonal – por grupo



Descontando-se a inflação e com o ajuste no calendário, os setores de bens não duráveis e de serviços foram os mais representativos no mês, fundamentalmente por causa de supermercados e hipermercados, turismo e transporte. Em contrapartida, o setor de bens duráveis e semiduráveis caiu, influenciado pelos materiais de construção.

Após alta de 1,5% em ago/22, o Indicador de Atividade do Comércio da Serasa Experian cresceu apenas 0,1% em setembro, na série com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo período de 2021, o aumento foi de 2,5%. No mês, os principais destaques foram os setores de combustíveis e lubrificantes (2,2%), materiais de construção (1,0%) e supermercados (0,5%). Em contrapartida, o volume de vendas de veículos, motos e peças retraíram-se -1,9% em setembro, após avançar 7,6% no mês anterior.

Atividade do Comércio: Variação Anual Indicador acumulado em 12 meses

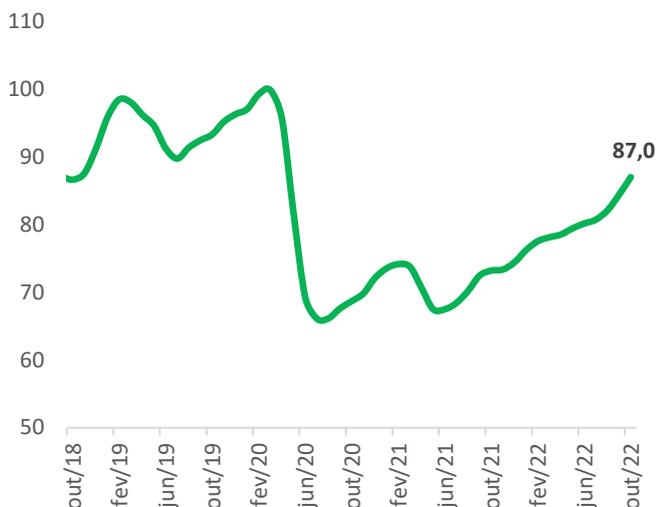


Apesar do impacto da recuperação do mercado de trabalho, do aumento nas transferências de renda e do recuo recente da inflação, com o alívio nos preços dos combustíveis e da energia elétrica, observa-se uma acomodação na série. A série com a variação trimestral do indicador da Serasa passou de uma alta de 3,3% em ago/22 para 2,3% em set/22, enquanto a variação anual do índice acumulado em 12 meses mantém uma trajetória negativa, saindo de 5,0% a.a. em nov/21 para -1,2% a.a. em ago/22 e -1,1% a.a. em setembro.

Fonte: Cielo/Serasa Experian. Elaboração ABBC

Intenção de Consumo das Famílias - Out/22

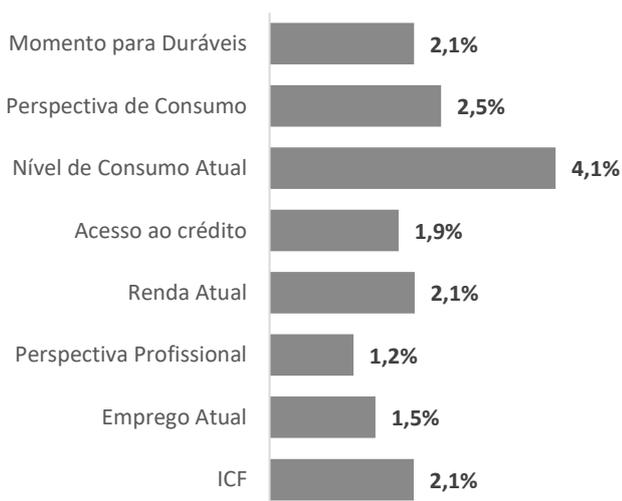
Evolução do Índice Nacional



O indicador de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) apurado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) objetiva antecipar o potencial de vendas do varejo. O ICF mede o grau de satisfação e insatisfação dos consumidores em termos de emprego e renda na sua capacidade de consumo. Números abaixo de 100 pts. apontam uma percepção de insatisfação, enquanto os acima de 100 pts. (com limite de 200 pts.) indicam o grau de satisfação. Avançando pelo 9º mês consecutivo, o índice alcançou 87,0 pts. em outubro, expansão de 2,1% em relação ao mês anterior, na série com ajuste sazonal e de 18,9% em 12 meses.

Variação Mensal

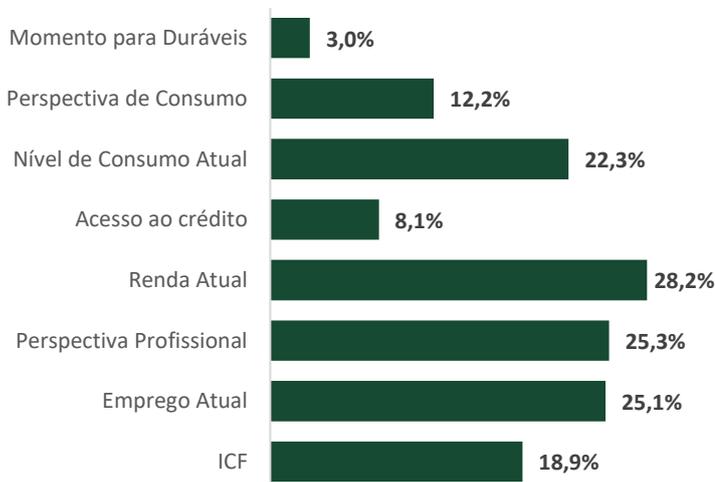
Com ajuste sazonal – por componentes



O índice na série dessazonalizada atingiu o seu maior patamar desde abr/20 (94,2 pts.), com alta na margem e na comparação interanual dos seus 7 componentes. O resultado positivo reflete a combinação de deflação com o crescimento do emprego formal, das transferências de renda e da contratação de crédito. As perspectivas de recuperação do mercado de trabalho contribuíram com os avanços de 1,5% a.m. e 25,1% a.a. no indicador de emprego atual (114,3 pts.), de 2,1% a.m. e 28,2% a.a. na renda (102,0 pts.) e de 1,2% a.m. e 25,3% a.a. na perspectiva de melhora profissional para os próximos meses (105,4 pts.), todos na série com ajuste.

Variação Anual

Por componentes



A despeito da incerteza em relação ao futuro por conta dos juros elevados, endividamento das famílias e o conflito no Leste Europeu, as condições para o consumo se mantiveram favoráveis, com o avanço de 4,1% a.m. (22,3% a.a.) no nível de consumo atual e de 2,5% a.m. (12,2% a.a.) na perspectiva de consumo. Os componentes de acesso ao crédito e momento para duráveis cresceram, respectivamente, 1,9% e 2,1% no mês. Entretanto, por causa dos juros elevados expandiram-se a taxas menores em 12 meses, 8,1% e 3,0%, na ordem.

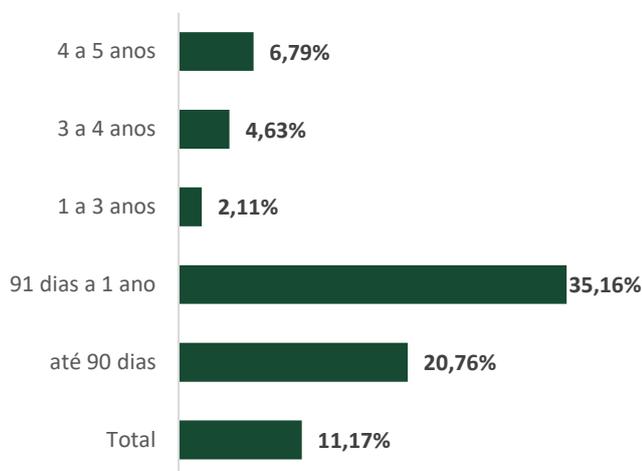
Na faixa de famílias com renda de até 10 SM, mais suscetível às variações na inflação, a intenção de consumo apresentou crescimento mais expressivo da ordem de 2,2% a.m. e de 20,4% a.a.. Ainda assim, o indicador para as famílias com até 10 SM permanece abaixo do nível satisfatório (83,5 pts.) e 12,6 pts. abaixo do nível anterior à pandemia (fev/20). Já as famílias com renda acima de 10 SM tiveram ganho de 1,7% a.m. e de 13,7% a.a., alcançando 104,0 pts..

Fonte: CNC Elaboração ABBC

Inadimplência - Set/22

Por Tempo de Atraso

Variação anual

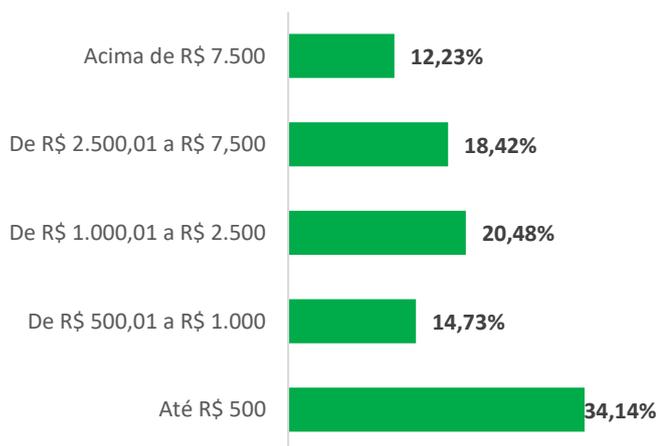


Segundo o levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), a inadimplência atingiu um novo recorde histórico desde o início da pesquisa em 2014, com 64,25 milhões de brasileiros permanecendo com contas em atraso, o que representou 39,71% da população adulta, um aumento de 0,93% no mês e 11,17% em 12 meses.

A despeito da melhora no mercado de trabalho e do alívio recente na inflação, a renda mantém-se comprimida, sobretudo nas famílias de menor poder aquisitivo. Na abertura do indicador, observou-se um crescimento interanual de 35,16% na inclusão de devedores com tempo de inadimplência entre 91 dias e 1 ano, respondendo por 21,78% do total de dívidas em atraso. Na divisão por faixa etária, a mais endividada é o grupo entre 30 e 39 anos, representando 23,99% do total, seguido pela faixa entre 40 e 49 anos (20,95%). Por outro lado, os grupos menos endividados estão acima de 85 anos (1,74%) e entre 18 e 24 anos (9,68%). O valor médio da dívida é de R\$ 3.688,96, em que a maior faixa, 34,14% da população adulta, deve até R\$ 500,00, e a menor faixa, 12,23%, deve acima de R\$ 7.500,00.

Por Valor Total da Dívida

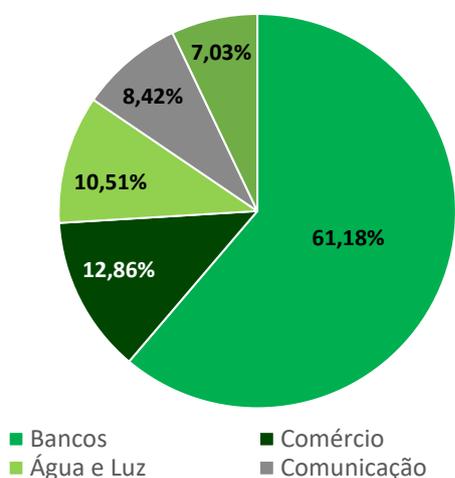
Participação no total



No que tange à participação dos setores, o bancário é o que concentra a maior parte das dívidas da população (61,18% do total), seguido por comércio (12,86%), água e luz (10,51%) e comunicação (8,42%). Nos próximos meses, a injeção de recursos do 13º salário e o aumento das contratações temporárias para eventos de fim de ano podem trazer algum alívio para o cenário.

Por Setor

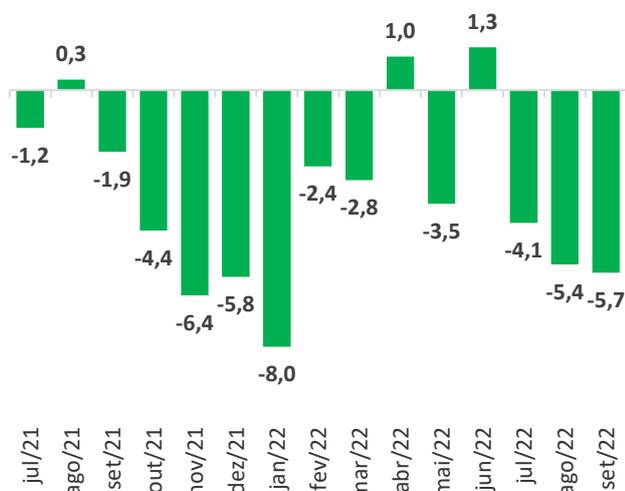
% do total



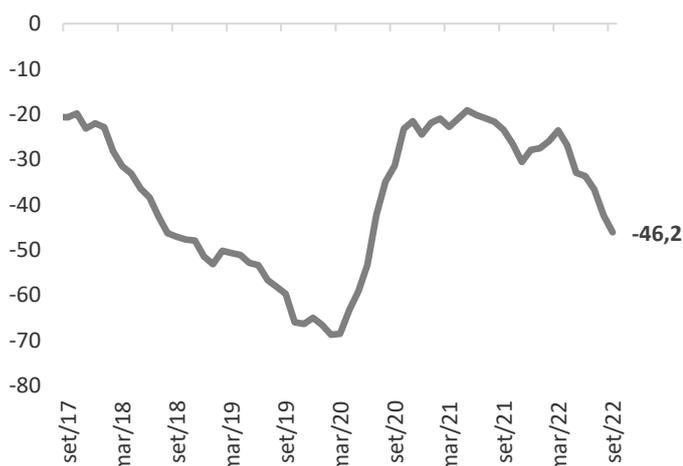
Fonte: CNDL/SPC. Elaboração ABBC

Transações Correntes - Set/22

Saldo Mensal Em US\$ bilhões



Acumulado em 12 meses Em US\$ bilhões



IDP – Acumulado em 12 meses Em US\$ bilhões



O Banco Central divulgou as estatísticas do setor externo referentes aos meses de agosto e setembro. Respondendo aos aumentos das remessas de lucros e dividendos ao exterior, à retomada das viagens internacionais e ao menor superávit da balança comercial, o saldo de agosto foi deficitário em US\$ -5,4 bilhões e o de setembro em US\$ -5,7 bilhões. O resultado mensal de setembro foi alavancado pelo aumento do déficit na conta de renda primária para US\$ -6,5 bilhões (US\$ -5,6 bilhões em agosto) com US\$ -5,3 bilhões em remessas e lucros, além do resultado negativo de US\$ -1,9 bilhão na conta de serviços (US\$ -2,6 bilhões em agosto). Com arrefecimento, o saldo da balança comercial passou de US\$ 2,5 bilhões em agosto para US\$ 2,4 bilhões. No período, as exportações somaram US\$ 30,6 bilhões e as importações, US\$ 28,3 bilhões, representando na margem quedas de -1,6% e -1,3%, respectivamente.

No acumulado do ano, o déficit nas contas externas alcançou US\$ -29,6 bilhões. Para 2022, o Banco Central estima um déficit na conta corrente de US\$ -47,0 bilhões, de acordo com a projeção atualizada no último Relatório Trimestral de Inflação, em setembro.

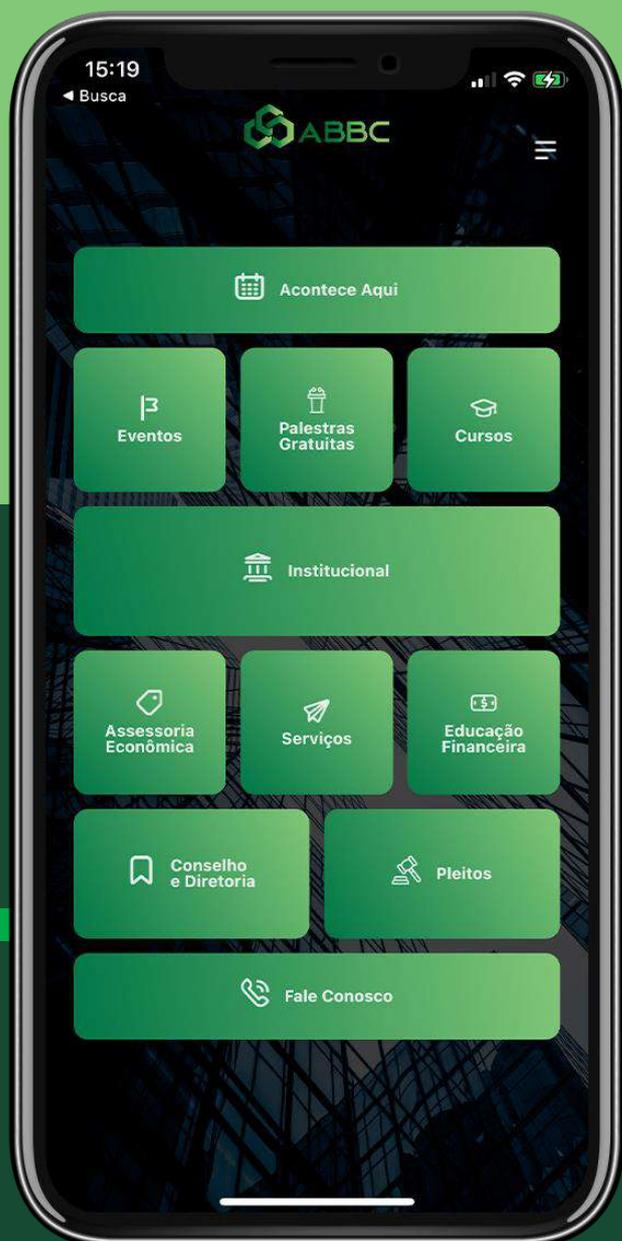
Em 12 meses, o déficit acumulado em transações correntes totalizou em setembro US\$ -46,2 bilhões (2,56% do PIB), frente aos US\$ -42,4 bilhões (2,38% do PIB) em agosto e US\$ -23,4 bilhões em set/21 (1,49% do PIB). O cenário reflete a redução no superávit da balança comercial, motivada pelo aquecimento da atividade com crescimento mais intenso das importações (24,9% a.a.) do que o das exportações (20,9% a.a.), além das contribuições dos déficits na balança de serviços com a retomada das viagens internacionais e a maior remessa de lucros e dividendos.

Por fim, a entrada de Investimento Direto no País (IDP) encerrou em US\$ 9,2 bilhões em setembro, após o ingresso de US\$ 8,8 bilhões em agosto (US\$ 4,6 bilhões em set/21). Em bom patamar, o IDP acumulado em 12 meses ficou em US\$ 73,8 bilhões em set/22 (4,1% do PIB), mantendo sua trajetória crescente, com elevação de 6,6% no mês, 58,9% no ano e 64,3% a.a.. Para o ano, o Banco Central estima entrada de US\$ 70 bilhões em IDP.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	14,5	8,3
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,6	4,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	7,5	4,6
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	60,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-30,0	-34,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	65,0	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,0	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,4	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,0	82,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688